

OPINIÃO

ANTÓNIO ELOY

Em Ferrel, lá pra Peniche



Em Ferrel, lá pra Peniche 1 - Iam construir uma nuclear. Mas não foram. No dia 15 de Março, deste ano, reuniram-se em Ferrel para cima de 300 pessoas para recordar essa luta, de há 50 anos, em 1976. O povo de Ferrel parou, então, a construção dos caboucos da central nuclear.

No final da sessão fiz uma intervenção, apertada. Aqui ficam os tópicos.

Comecei por referir que esta luta popular tem sido referência para muitas, em Portugal ou no mundo. Desde logo contra as nucleares, aqui em Espanha estivemos e fechámos Valcaballeros e Sayago, e outras, essas bem perto. E houve outras lutas seja contra o depósito nuclear em Aldeavila de la Ribera, também

em cima da fronteira ou a mina de urânio de Zahinos também a poucos quilómetros daqui ou a de Retortillo. E em Nisa, também contra uma mina de urânio tivemos manifestações multidinárias. Usámos alguns dos métodos que se iniciaram em Ferrel, oposição clara e não violenta, envolvimento popular e das actividades

económicas e sociais.

2 - Hoje Ferrel é uma terra cheia de pujança e valores. Uma agricultura fantástica, actividades económicas pujantes, o turismo plétórico mas também outras actividades que se ligam à preservação do património, como



Os burros acima são da AEPGA <https://www.aepga.pt/>. Trago-os aqui pois Ferrel é terra de burros. Tem um burro no brasão da freguesia, o lavadouro está rodeado por quadros/azulejos todos com burros, tem uma estátua de um burro, tamanho natural, e com um poema ao mesmo pelo grande historiador local, e meu querido amigo Joaquim Jorge. Os burros têm ritmo e a energia, são esclarecidos, teimosos e persistentes. Hihan, hihan para o povo de Ferrel.

unidades de renováveis, muita gente, muita gente, que não viria aqui ou aqui se estabeleceria se não tivéssemos estado alerta. A gratidão de Portugal por Ferrel, por esses primeiros passos continuou, mas não se ficámos por aqui, até 1982, e depois com localização incerta, tivemos que dar muita luta, que está por aqui, ali e acolá escrita.

Contei algumas histórias picarescas, a intrusão de 6 ou 7 ecologistas na Assembleia da República e a perturbação dos trabalhos parlamentares, trabalho de bastidores muito e confronto com dirigentes políticos e governamentais, e obtenção de documentos intrusivos como um relatório da Banco Mundial que em 1982 chumbou o programa nuclear nacional, na altura identificaram uma falha sísmica ao largo de Ferrel. Mas a luta contra a nuclear, já não em Ferrel, continuou...

3- Falei também de deontologia e de jornalismo e voltei a denunciar a CNN, propriedade da maior empresa nuclear dos USA e que

em Portugal tem promovido a nuclear e criado a pauta dos outros órgãos de comunicação social (todos eles alinhados com a nuclear, veja-se o caso do Público) e até inventou um grupo, constituído por um professor de fusão nuclear (ficção científica) do Técnico e seus 7 ou 8 alunos, chamado ecologistas pela nuclear.

E denunciei o discurso e a linguagem oficial que promove mentiras e ilusões. Já aqui escrevi sobre o livro de Victor Klemperer "A linguagem do III Reich". Quem manipula a linguagem e é dono do poder e molda as cabeças. Exemplos:

Estação de tratamento esgotos por fábrica de água; militarismo ora é defesa, bombardeamentos mortíferos são golpes cirúrgicos, desmantelamento do direito ao trabalho diz-se flexibilidade, e aumento da produtividade ou programa de ajustamento estrutural em vez de austeridade. Já não há operários, ora são colaboradores e os capitalistas desapareceram agora são empresários e empreendedores. As lutas de classes são conflitos laborais. A nuclear foi promovida a verde. E até a mineração é sustentável. A poluição até é apresentada como riqueza. E reparem que a voz do dono domina todos os discursos.

A novilíngua toma conta dos discursos. E isto ainda é só o início. A manipulação mediática controla, agora com o numérico a ajudar todo o discurso, temos que esgravatar para sabermos da realidade. Voltarei a este tema.